

Rumores discretos da subjetividade
Sujeito e escritura em processo



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente



COORDENADORA DA COLEÇÃO:

Tania Mara Galli Fonseca

CONSELHO EDITORIAL:

Cecília Bouças Coimbra, Denise Bernuzzi

Sant'Anna, José Mário d'Avila Neves, José

Nuno Gil, Peter Pál Pelbart, Suely Rolnik,

Jusamara Souza e Luis Gomes

Editora da UFRGS

Ramiro Barcelos, 2500 – Santa Cecília

– Porto Alegre, RS – 90035-003

Fone/fax (51) 3308.5645 –

www.editora.ufrgs.br

www.livraria.ufrgs.br

Rumores discretos da subjetividade
Sujeito e escritura em processo

Rosane Preciosa




UFRGS
EDITORA


Editora Sulina

© Rosane Preciosa, 2010

Capa:

Carla Luzzatto

Coordenadora da Coleção:

Tania Mara Galli Fonseca

Projeto gráfico:

Carla Luzzatto

Editoração:

Niura Fernanda Souza

Revisão:

Mariane Farias

Impressão e acabamento:

Metrópole Indústria Gráfica

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

S479r Preciosa, Rosane
Rumores discretos da subjetividade - Sujeito e escritura
em processo / Rosane Preciosa. – Porto Alegre: Sulina: Editora
da UFRGS, 2010.
96 p.

ISBN: 978-85-205-0545-8 (Sulina)
978-85-386-0069-5 (Editora da UFRGS)

1. Psicologia Clínica. 2. Sociologia do Comportamento.
3. Filosofia Contemporânea I. Título

CDU: 159.9
316.275
CDD: 157
306.4

Todos os direitos desta edição são reservados para:
Editora da UFRGS e Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 - Bom Fim

Cep: 90035-190 - Porto Alegre - RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

Fax: (0xx51) 2364.4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Fevereiro/2010

“Eu tenho que ser legível quase no escuro”
(Clarice Lispector *Um Sopro de Vida*)

Agradeço a tudo e a todo mundo que
perturba a minha paz de espírito.

Um agradecimento especial à delicadeza
de Tania Galli e à solicitude de Luis Gomes.

A Lucio Agra: por tudo que já inventamos juntos.

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	15
No que você pensava enquanto escrevia o texto?	17
Bem-vindo à vida	19
Estimulações	21
O que isso quer dizer?	23
Devolvendo o corpo ao corpo	25
Das vizinhanças	27
Eu vou lhe contar um segredo	33
Nascer pelo meio	37
O que é uma Casa?	41
Estados de Emergência	45
Instaurar Mundos	47
Estou de possíveis	51
Sob a Forma de Desabamento	53
Eu Sou Uns Outros	57
O vivo vibra	59
Ponto de Ebulição	63

“(...) Com que barranco ergui meu banco de dados?”	65
Estilo, estilo meu... ..	67
O Rosto em Erosão	69
Eu não sou Criativo	73
“O Hábito Anestesia”	77
Forças que nos desconcertam	83
Um pequeno desvio	87
De volta ao chão instável	89
Alguém me responda por favor: quando é que uma experiência acaba?	91
Bibliografia ou Casa de Força	93

Prefácio

Lendo este livro fiquei muito em dúvida como me vestir para essa conversa. Felizmente ele já traz várias sugestões. Por exemplo, eu deveria evitar as roupas “enérgicas e profissionais”, poderia tentar aquelas “roupas em alinhavo, com bainhas em queda e ares de entrega e de desmanche”, pensei até em “vestir-me de inacabamentos” ao invés de reencontrar minha “versão bem editada” – tudo isso é citação. E imaginei que Rosane Preciosa viria com uma bolsa, talvez dessas de plástico transparente com flores, meio de feira, ou uma “bolsa mundo, bolsa de trancos, bolsa bote de salvamento, bolsa amuleto, bolsa de faz de conta, bolsa de doçuras, bolsa de gagueiras, bolsa de tropeços, bolsa de traições, bolsa bálsamo de dores, bolsa de amores, bolsa de terrores, bolsa de visões, bolsa de fragilidades, bolsa de leveza, bolsa de inqualificáveis”. Acho que comecei a compreender melhor a função da bolsa que ela carregaria, essa sua “sacola de sensações clandestinas”. No livro tudo isso é uma maneira envezada de dizer o estilo de ser, e, no fundo, ele inteiro gira em torno desse tema – das maneiras de ser... A autora é uma “pesquisadora da existência”. Embora quebre espelhos ao longo do livro, nos sonhos e na realidade, talvez seu livro funcione, para o leitor, como uma espécie de espelho quebrado, onde cada um é remetido ao seu inacabamento ou aos seus fragmentos ou ao seu eu-feixe de sensações, e pode assim liberar-se da “pose que grampeou sua alma” e até vê aparecer um outro si mesmo, “fisicamente igualzinha a mim e parece outra, Eu e si

mesma estamos uma diante da outra. Será um novo espelho de carne e osso?”. Afinal, como diz o livro, são inumeráveis os estilos de existir, e pensar em estilos de viver é pensar em topologias que se formam e desformam o tempo todo. Estilo, estilo meu...

Este livro é de uma extrema sensibilidade, delicadeza, leveza, com vários lampejos poéticos, é uma espécie de prospecção sensível, em conexão com várias linguagens, seja a da prosa da Clarice, um conto de Calvino, a poesia de Waly Salomão ou de Herberto Helder, as proposições estéticas de Lygia Clark, um vídeo de Carlos Nader, um fragmento de Deleuze ou de Guattari, ou de Peter Brook – enfim, um time de primeiríssima. Consegue uma variação de ritmos, de texturas, conforme a intersecção. E, no entanto, há entre eles algo de comum que lhes confere uma espécie de ‘unidade’ no sentido poético-filosófico do termo, e não acadêmico. Eu diria que aqui está em jogo a busca de um estado, que é um estado de escrita, estado de criação, estado de arte, estado de nascimento, estado de subjetividade, mas um estado que contraria inteiramente aquilo que se entende comumente por escrita, por criação, por arte, por nascimento, por subjetividade, ou mesmo por estado – eu diria que é quase um kantismo estético, a saber, busca as condições de possibilidade para existir, ser, escrever, pensar, sentir, mas contrariamente a Kant, sabendo que essas condições de possibilidade não são dadas de maneira apriorística, mas devem ser elas mesmas engendradas, paridas, e isso através de um enxugamento, por involução, por renúncia, por fragmentação, por bombardeamento dos clichês, numa espécie de coreografia da traição, como diz a autora, nem que seja como um dançarino de break, “que arranca das ruas seu suprimento de trejeitos combinados”. Deixar a geologia das formas estratificadas ir cedendo para, a partir daí, somente, pensar as emergências, no duplo sentido da palavra.

Numa passagem extraordinária o livro se refere a um nascimento que já brotasse pelo meio, invenção de um outro

berçário, que embale o bebê de outro jeito, sem excesso de proteções azuis ou rosas, com a possibilidade de, numa fúria animal, estraçalhar o estreito e alcançar o lado de fora ávido, estragando a festa da biografia (33). Estreia no mundo pelo meio, sem celebração de começo e fim – eis um procedimento de investigação da existência. Todos os itens são um pouco isso, essa maneira que a escrita assume quando ela desveste, daí também o tema da vestimenta, mas também o que ela faz nascer, num autoengendramento. É que são vários nascimentos, e o poema do Waly Salomão é perfeito para dizer isso, nasci aqui, depois nasci ali, depois acolá, “e fui virando uma pessoa que vai variando seu local de nascimento, se variando de vários” etc. Num certo sentido o livro é isso ampliado, seus vários nascimentos, as variações de vários, mas ao mesmo tempo a limpeza do terreno para que esses nascimentos e variações sejam possíveis, não sejam abortados pelos clichês, pela identidade pré-formatada. Mas, sobretudo, como a escrita pode intervir em si mesmo, nascer-se, e creio que a autora tem plena consciência desse recurso de intervenção em si, “para se inflingir ideias, quase sempre improváveis, para se usar de vários modos, para se contrair e distender. Escrever para se desintoxicar, sucatear ideias, muitas vezes entrar numa fria e malograr. Para aprender a tensionar o discurso e desmanchar-se em lágrimas, sem que o gesto pareça sentimental. Para abandonar o hábito de ser. Para escorchar a pele e com ela confeccionar um manto de memórias editáveis, etc..”. É um dos grandes méritos desse trabalho, uma espécie de gaia ciência da escrita, sem pathos – mas com altos efeitos hipnóticos.

Peter Pál Pelbart